

PAINÉIS

Por que vinte anos de memórias e histórias do CEOM*

*Elison Antonio Paim***

Ao cumprimentar a todos e todas, quero expressar a satisfação de poder partilhar este momento festivo. Momento em que uma idéia de um grupo de pessoas preocupadas com o desaparecimento da memória de uma região criaram, o então, Centro de Organização da Memória do Oeste de Santa Catarina. Idéia esta, que, se em determinado momento pareceu absurda aos olhos de muitos, especialmente, daqueles que sempre fizeram questão de silenciar determinadas memórias, hoje, coloca-se como importante veículo de provocação para que uma região pense, questione, interroge sobre as questões relativas as suas memórias.

Comemorar 20 anos de um centro de memórias em um país dito sem memória é no mínimo algo inusitado.

Mas o que é mesmo memória? Para que memória? Para que preservar? O que preservar? Memórias de quem precisam ser preservadas? Muitas foram e ainda são as questões. Porém, nesses 20 anos, algumas definições quer implícita ou explicitamente, foram sendo delineadas quando o CEOM incentivou atividades que dessem visibilidade às memórias que, até então, eram praticamente ignoradas pelos que detinham o controle e o poder de definir o que deveria ser preservado e mostrado para as futuras gerações.

Nestes 20 anos, o CEOM travou inúmeros diálogos com diferentes setores da sociedade oestina e brasileira, por que não? Diálogo que suscitou desejos, vontades, curiosidades em muitas pessoas em conhecer as memórias de seus antepassados. Nesse sentido, muitas pesquisas, livros, casas de cultura, casas de memória, museus, reuniões, projetos, aconteceram por incentivo e colaboração direta do CEOM.

Inúmeras atividades realizadas possibilitaram que viessem à tona as memórias de índios, caboclos, descendentes de italianos, de alemães, poloneses, mas não apenas, daqueles que foram bem sucedidos, que já estão perpetuados na memória oficial através de nomes de prédios, avenidas, escolas, estádios, monumentos e tantos outros lugares de memória. Ao contrário do que pensam e querem muitos, o CEOM preocupou-se não só com estas memórias, mas,

esteve e está preocupado com as memórias silenciadas, apagadas, escondidas àquelas que incomodam, que são vergonhosas e que muitos querem esconder, negar, deixar no lugar em que estão para que não incomodem.

Nesses anos todos, o CEOM preocupou-se com homens, mulheres, crianças comuns em suas ações cotidianas, suas experiências, suas vidas por mais insignificantes que possam parecer precisam ser consideradas, pois como diria o filósofo alemão Walter Benjamin, “nada do que existiu pode ser considerado perdido para a história”.

Muito já realizamos, porém muito há por ser realizado ainda. Muitas memórias continuam silenciadas; outras gritam e não são ouvidas; outras continuam sendo jogadas para baixo dos tapetes.

Precisamos pensar o que fazer daqui para os próximos 20 anos. Com quem e para quem queremos trabalhar; quais memórias queremos preservar, já que toda atividade de guarda de memórias é pautada em escolhas.

Nessa trajetória nem tudo foram flores, muitas dificuldades existiram como: a falta de espaço físico, verbas, recursos humanos, equipamentos, interesse político em manter um Centro de memória que não gerasse lucros e, sim, muitos gastos. Em outros momentos, a própria universidade não demonstrava interesse em mantê-lo, tanto que ficou fechado durante um tempo. Em meados dos anos 90, com a nova administração do campus da então Unoesc-Chapécó, o CEOM foi assumido como opção política e transformado em Programa Permanente de pesquisa e extensão, possibilitando, assim, o crescimento e a atual configuração.

O CEOM, atualmente, mantém: a) Centro de Documentação e Pesquisa (com Laboratório de Conservação Documental e de História Oral); b) Biblioteca Especializada; c) Programa PEC - Patrimônio, Escola, Comunidade (trabalha com revitalização de museus históricos e elaboração de histórias locais); d) NEEA - Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos (com reserva técnica e laboratório); e) Laboratório de Educação Patrimonial (monitoria,

ações educativas e produção de material didático); f) Programa museológico (exposições permanentes e temporárias); g) Programa de Divulgação científica e cultural (linhas editoriais: Cadernos do CEOM – publicação temática semestral; Série Documento – publicação de documentos, obras referenciais e técnicas; Coleção Histórias Locais; Coleção História e Patrimônio. Esse programa está voltado também à organização de seminários, oficinas, palestras, vinculadas a nossa área de atuação.

Com exceção dos fundos e coleções documentais do Movimento de Mulheres Camponesas e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o acervo está totalmente higienizado, parcialmente identificado e catalogado.

No total, temos sob nossa guarda, atualmente, quatro fundos documentais e 16 coleções, tematizando: processos de ocupação e povoamento do espaço regional; oralidade; processos judiciais, movimentos sociais, etnicidades, campo e cidade, patrimônio cultural, religiosidade e cultura material (essencialmente artefatos arqueológicos). São aproximadamente 20 mil metros lineares de acervo, e 2500 obras bibliográficas, totalmente disponíveis à pesquisa gratuita para a comunidade em geral.

A produção de memórias só acontece porque existem sujeitos em ação. Nesse sentido, todas as memórias aconteceram devido à ação de muitos que, de alguma forma, colaboraram para que o CEOM tivesse a dimensão e o reconhecimento que tem. Mesmo correndo riscos de ser cobrado por esquecimentos e possíveis omissões, trago aqui os nomes daqueles que construíram o CEOM de maneira mais direta e cotidiana. Evidentemente que, além dos citados, existem muitos outros que atuaram e atuam para a construção do CEOM.

Grupo fundador: Santo Rosetto, Hilda Beatriz Dmitruk, José Carlos Ortiz, João Paulo Strapasson, Pedro Hentz, Paulo Hentz, Dalme Maria Grando Rauen, Hilário Scherner, Nemésio Carlos da Silva e Jaci Poli.

Coordenadores: Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz (Coordenadora Implantadora), Ilda Brisot (1987), Pedro Uczai (1988), Santo Rosetto

(1990) Elisete Schwade (1992), Mônica Hass (1993), Josiane Roza de Oliveira (2000), Marcos Batista Schu (2003).

Foram ou são Funcionários do CEOM: Josiane Roza de Oliveira (secretária), Mauri Bessegatto (Técnico em Pesquisa), Marcos Batista Schu (Técnico em Pesquisa - Programa PEC), Denise Argenta (Educadora Patrimonial), Miriam Carbonera (Técnica em Arqueologia) e Ademir Miguel Salini (Documentalista).

Foram ou são estagiários do CEOM: Acidalia Bogdonovitz, Roseli de Moraes, Adriana Machado, Sara Prior, Josiane Roza de Oliveira, Claiton Márcio da Silva, Dirce Laufer, Marcos Batista Schu, Denise Argenta, Mirian Carbonera, Eliriane Ana Tonatto, Carla Luiza Alexius, Fabiane Kehl, Edivandro Madela, Alessandro Ribeiro de Mello, Ricardo Both, Neusa Plaut, Sibeli Stanga, Simone Barros Adamante Camargo, Marcia Simone Saugo, Cesar Capitanio, Keity Lanzarini, Sandra Agostini, Ademir Miguel Salini, Rodrigo do Carmo, Cassiane Andréia Balen, Rogério dos Santos, Soraya Rocha Câmara, Vinícius Fernandes, Flavia Perin, Mariel, Jaqueline Aires, Rosane Silva Pinto, Luana Lise, Jucélia da Costa, Darli Zorzi, André Bassani, Denise Fossá, Jocélia Spagnol, Marcio Martins, Sidinei Agostini, Sidineia Agostini, Silvano Silveira da Costa, Rodrigo do Carmo, Graziela dos Santos, Elisiane Amaral, Leandro Siqueira, Leandro Gasperini, Ana Claudia Castelli, Alexandra Klaus, André L. Lorenzoni, Cassiano Berving, Patricia Heffel, Lucas Francheschi, Carla Dahmer, Enelice Pansera, Esiquiela Listone, Andreza Bazzi, Douglas Satirio, Vanderleia Sobierai.

Além destes sujeitos, diversas pessoas, entidades, instituições, empresas, contribuíram para a construção do CEOM: Centro de Ciências Humanas e Sociais, através de muitos professores da UNOCHAPECÓ, Reitoria, Vice-reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação, e os parceiros em diferentes momentos e formas: prefeituras municipais, Secretaria Estadual de Educação através de suas regionais, Fundação Catarinense de Cultura, RBS, IPHAN, CNPQ, Fundação Vitae, CELESC, BNDES, Caixa Econômica Federal, Lepa - UFSM, Scientia Consultoria Científica, Arquivo

Público de Santa Catarina, FUNAI, Museu ao Ar Livre de Orleans, Museu de Pinhalzinho, Museu de Mondaí, Museu de Itapiranga e muitos outros museus municipais, regionais e os consultores Yara Khoury, Saul Milder, Maria Cristina Bruno, Rossano Lopes Bastos.

O CEOM foi construído a partir de sonhos, desejos, lutas, às vezes ambiciosos, mas só chegamos até aqui devido a estes sonhos e seus sonhadores.

O desafio é pensar os próximos 20 anos, já que até aqui nos consolidamos e somos referência na área de patrimônio cultural na região Oeste de Santa Catarina. Nesse sentido, convidamos a todos os presentes para que participem das mesas redondas “Memórias de um Centro de Memórias: o CEOM no Oeste Catarinense” e “Múltiplos Olhares Para as Memórias”; das oficinas “Crime e Colonização no Oeste Catarinense 1920-1950”, “Trabalhadores da Indústria Frigorífica de Chapecó”, “Selistre de Campos e as Questões Indígenas no Oeste de Santa Catarina” e “Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste e as Relações de Poder”; das conferências “O Papel Educativo de Um Centro de Memórias” e “Patrimônio Cultural”.

Obrigado a todos os presentes e àqueles que de uma ou outra forma colaboraram para que este momento acontecesse.

Notas

¹Fala realizada na abertura da Mesa Redonda **“Memórias de Um Centro de Memórias: o CEOM no Oeste Catarinense”**.

² Coordenador do CEOM a partir de março de 2006. Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria; Especialista em Educação Popular e, em História e Historiografia do Brasil República pela FUNDESTE; Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor do Curso de História da UNOCHAPECÓ.